

Fiscais da DRT fecham o comércio

Herberth Gomes
e Netto Costa

A abertura do comércio ontem no Conjunto Nacional, ParShopping, Venâncio 2000, Alameda Shopping e entre quadras do Plano Piloto foi relâmpago, porque fiscais da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) divididos em grupos determinaram o fechamento das lojas alegando que não houve acordo entre o Sindicato do Comércio Varejista e o Sindicato dos Empregados no Comércio para abertura das lojas aos três últimos domingos de dezembro. Dezenas de comerciantes foram multados e houve tumultos e desencontro de informações. No ParkShopping, os fiscais foram escoltados por PMs e quem estava disposto a realizar ontem sua compra natalina retornou para casa frustrado.

A determinação da DRT em fechar o comércio ontem foi avaliado pelo presidente do Sindicato do Comércio Varejista do DF, Lázaro Marques Neto, como coação e falta de respeito ao consumidor. "A abertura do comércio aos domingos de dezembro é legal e foi baseado no Artigo 617, parágrafo 1º da Consolidação das Leis de Trabalho porque o Sindicato dos Comerciantes e a Federação dos Trabalhadores no Comércio do DF decidiram não participar da reunião de negociação e o acordo foi feito direto entre empregados e patrões", disse Lázaro.

Contestando Lázaro Marques, o presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio do DF, Raimundo Neves, disse que não foi convidado a participar da reunião. "Mesmo com a ausência do sindicato e da Federação dos Trabalhadores no Comércio nas negociações, o Artigo 617 só poderia ser acionado se a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio tomasse a mesma atitude", revelou Neves. A explicação do sindicalista foi reforçada pelos fiscais da DRT.

Protestos — Atraídos pelo anúncio de abertura do comércio nos domingos de dezembro, feito pelo Sindicato Varejista, centenas de pessoas lotaram os shoppings e protestaram contra a decisão da DRT em fechar e multar os comerciantes. A funcionária pública Tereza Moreira Maia, residente na 411 Sul, disse que antecipou o almoço da família e foi ao Conjunto Nacional, na companhia da filha, comprar os presentes de Natal dos amigos e parentes.

Tereza, que conseguiu comprar apenas um par de sapato, disse que o fechamento do comércio ontem pelos fiscais da DRT foi feito com autoritarismo e que o trabalho ajuda no crescimento de uma nação. O presidente do Sindicato Varejista disse que os fiscais da DRT usaram de "terrorismo" para persuadir os comerciantes e comerciantes a não trabalharem ontem.

No ParkShopping, onde os fiscais tiveram escoltamento de policiais militares, a vendedora Rosane de Almeida, trabalhando de free-lancer na Gila e Gina, disse que foi obrigada pelas fiscais de maneira grosseira a deixar o estabelecimento. "Estou desempregada e preciso trabalhar. Por isso vou acionar na Justiça o presidente do Sindicato dos Comerciantes", ressaltou Rosane, que por conta própria recolheu assinaturas de dezenas de comerciantes do ParkShopping que apoiam a abertura do comércio nos domingos de dezembro.

Multas — Os comerciantes que insistiram em manter as lojas abertas foram multados mais de uma vez, como ocorreu ao Ponto Frio Bonzão, do Conjunto Nacional. A multa ao Ponto Frio foi de Cr\$ 1,8 milhão. A Catavento foi multada em Cr\$ 800 mil, conforme Alexandre Novgobodcev, proprietário da loja. Ele disse que irá recorrer, "porque eu estava trabalhando com a esposa e filhos" e que no estabelecimento não haviam funcionários. Os fregueses que se encontravam na Catavento ao perceberem a presença do CORREIO BRAZILIENSE manifestaram apoio à abertura do comércio aos domingos.

Na avaliação de Lázaro Marques, 80 por cento das 250 lojas do Conjunto Nacional decidiram abrir ontem. Segundo Marques, todos os comerciantes que se encontravam trabalhando ontem, atenderam o chamado dos patrões por livre e espontânea vontade, "porque sabem que são beneficiados com a abertura do comércio aos domingos que antecedem o Natal".

No Venâncio 2000, segundo fiscais da DRT, poucos comerciantes decidiram abrir suas lojas ontem. Ao receberem ordem para fechar os estabelecimentos, conforme os três fiscais que estiveram no Venâncio, os comerciantes não resistiram e não houve tumulto. Os portões do Venâncio ficaram abertos durante cerca de 30 minutos e nesse período a presença de fregueses era fraca. Mas quem não pôde fazer suas compras ontem aproveitou a ida aos shoppings dando uma esticada nas lanchonetes, que não são impedidas de abrirem aos domingos.

MARCOS RESENDE



Pressionados pelos fiscais e com medo de pesadas multas, os comerciantes preferiram fechar as portas que haviam aberto pouco antes. A confusão foi maior no Conjunto Nacional e no ParkShopping, onde foi preciso até um reforço policial. Ao final, desolados, os consumidores, lojistas, além de vários comerciantes, criticaram a decisão

Confusão marca dia em shopping

Muita confusão e informações desencontradas marcaram o dia de ontem no comércio do ParkShopping. Apesar de 80 por cento das lojas do shopping terem aberto suas portas, uma equipe de fiscais da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) compareceu ao local e determinou o fechamento do comércio, exceto áreas de alimentação e diversão, sob pena de autuação com multa de até Cr\$ 900 mil.

As 13h, quando a equipe do CORREIO BRAZILIENSE chegou ao ParkShopping para verificar o movimento do comércio, a maioria das lojas estava aberta. Proprietários, gerentes e vendedores pareciam animados com a boa perspectiva de vendas. "O movimento tem aumentado nas duas últimas semanas e temos certeza que vai aumentar mais ainda", afirmou Alexandre Mendonça, gerente da Curto Circuito.

Os lojistas do ParkShopping receberam uma circular do Sindicato do Comércio Varejista informando da possibilidade do funcionamento do comércio, ontem e nos próximos domingos (15 e 22 de dezembro). Pela circular, os empregados deveriam receber o dia trabalhado e a comissão em dobro, além de um vale-alimentação de Cr\$ 3 mil, vale-transporte e a folga deveria ser transferida para outro dia da semana.

Acordo Coletivo — Um certo pânico tomou conta dos lojistas do ParkShopping quando espalhou-se rapidamente a informação de que uma equipe de cinco fiscais da DRT havia chegado ao local. Uma após outra, as lojas que estavam abertas foram fechando suas portas. Os fiscais receberam orientação para avisar aos comerciantes da ilegalidade da abertura no dia de ontem e solicitar a saída dos empregados e o fechamento dos estabelecimentos. Os lojistas foram avisados do retorno da fiscalização, quando seria verificado o cumprimento do aviso. "Não houve acordo coletivo entre

os sindicatos envolvidos e não existe liminar que autoriza a abertura do comércio, se não fecharem as portas em cinco minutos nós iremos autuar o estabelecimento", avisavam as fiscais da DRT Rosina de Souza, Sônia Duarte da Silva e Lourdes Pereira.

O presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Lázaro Marques, foi ao encontro das fiscais que estavam no térreo do ParkShopping. Ele tentou argumentar que a abertura era legal: "Estamos amparados pela CLT, art. 617. Tentamos um acordo com o sindicato e a Federação dos Comerciantes. Como não foi possível, a lei prevê o prosseguimento das negociações direto com os empregados", afirmava Lázaro. As fiscais responderam que os argumentos deveriam ser anexados à defesa das lojas, por ocasião das autuações.

Escolta — Pressionadas pelos comerciantes e alguns consumidores, as fiscais da DRT, tiveram que pedir auxílio policial. Uma equipe de seis policiais militares que estava de serviço no ParkShopping organizou uma escolta para dar segurança ao trabalho das fiscais. Após o aviso aos lojistas, a fiscalização retornou e começou a autuação pela boutique Magrella, que continuava com os empregados no interior do estabelecimento. Dizia o auto de infração: "Autuada por manter empregados em atividade aos domingos sem prévia permissão de autoridade competente (art. 68)".

Apenas os donos e sócios, constantes do Contrato Social das firmas, foram autorizados a manter as lojas em funcionamento, caso da joalheria Pri-giani e da boutique Gila e Gina, entre outras.

Já do lado de fora das lojas, dezenas de vendedores aguardavam o desenrolar dos acontecimentos. Muitos disseram ter ido trabalhar espontaneamente, mas a maioria não acreditava no pagamento do dia em dobro. Uma vendedora da boutique Bit Boy-Bet Girl afirmou que se não fosse trabalhar, "a dona da loja contrataria outra pessoa". Os consumidores, que às 13h elogiavam a abertura do comércio aos domingos — "um dia ótimo para as compras" — ficaram frustrados com o fechamento: "É um absurdo. Não tenho tempo durante a semana", afirmava Waldivina Vidal.